

A Sociedade dos Amigos de Stendhal	11
Too dark to read	41
Tentações	87
Negro de Monserrate	117
As granadas do tempo	147
A missão de Wilhelm Furtwängler	161
Quinas e flores-de-lis	189
Nota Final	227

A SOCIEDADE DOS AMIGOS DE STENDHAL

Em junho de 1974, Aurélio de Lemos, metido num casulo de mansa expectativa, encontrava toda a espécie de pretextos para adiar o regresso a Portugal — se não os encontrava, forjava-os. A revolução de abril, que a imprensa internacional atribuía aos cravos, amnistiara-o de uma panóplia de crimes políticos e militares, as fronteiras do país estavam mais abertas do que nunca e a polícia política tinha sido dissolvida. Nada o impedia de chegar a Lisboa, a não ser o trânsito do turismo revolucionário que saturava os aeroportos nacionais e obstruía as estradas portuguesas, estreitas, sinuosas e em estado deplorável. Alheio ao entusiasmo universal pelo Portugal em revolução, fazia ouvidos moucos a alvitres ao regresso e comprazia-se na situação de desterrado. Tinha mantido desde sempre com o país de nascimento uma relação difícil, que na juventude se resolvia ou atenuava quando estava fora e se agravava quando se sentia encerrado nas quatro paredes do retângulo. Mais tarde, chegado à idade da sensatez, iria habituar-se a resolver esse transtorno da alma com a compra regular de bilhetes de avião, e, com humor ou sem ele, anunciou que elegeria a área das partidas do aeroporto de Lisboa como o monumento nacional da sua preferência. Assim se foi resignando.

Dissera-lhe em tempos um astrólogo de fina argúcia que as dificuldades que desde cedo experimentou com Lares e Pena-

tes assentavam em longínquos eventos relacionados com a personalidade que terá sido a dele na Roma Imperial. Aurelius Cornelius exerceu noutras eras o cargo de pretor, de início nas extremas da Ásia, depois na Sardenha, recém-conquistada a Cartago. No desempenho destas últimas funções, terá sido objeto de intrigas palacianas junto do cônsul Marcus Atilius Regulus, de quem recebia solícita proteção, e, aos trinta e dois anos, a carreira de magistrado do Aurelius romano terminou, sem glória nem apelo. Os parentes mais próximos, entre eles os pais, desinteressaram-se da sorte do pretor caído em desgraça. Repúdios, banimentos e desterros tê-lo-iam conduzido ao serviço de Mitrídates VI, rei do Ponto, que dele fez ministro ou alteza, senhor de honras e riquezas negadas por Roma. Os deuses do lar foram-lhe adversos desde essa encarnação, o que, no entender do astromante, iria condicionar as existências passadas e futuras de Aurélio de Lemos, inscritas nesse eterno presente que é a vida cósmica.

No verão de 74, partiu sem destino certo do país nórdico onde, nos últimos anos, completara um doutoramento em literaturas escandinavas com uma tese sobre a *Føroyingasøga*, a saga medieval das Far Ærne. Atravessou a Polónia, deteve-se na Áustria, transpôs os Alpes e perdeu-se na Itália. Durante semanas, numa praia do Adriático de águas tão pouco profundas que lhe permitiam vanglórias de nadador, fez tudo para se esquecer de si próprio. Era este, nos anos da juventude, um hábito pouco saudável que costumava sublimar nos braços de uma mulher. Na praia de Rimini não faltavam mulheres de todos os feitios, vulgares mortais, mas também deusas, fadas ou bruxas. A atração pelas bruxas levou-o à mesa de jogo de um dos casinos da região, local de boa fama onde uma hetaira desfazia fortunas e partia corações. Chamava-se Eva, era autodidata da elegância, aficionada do patchuli, e pretendia ter inspirado a Joseph Losey a protagonista do filme homónimo. O crupiê, agente de negócios da bruxa, informou Aurélio da filiação cinematográfica. Aurélio observou que a

beldade seria então eterna, pois que o filme, de 1962, adaptara uma novela dos anos 40.

— Não há dúvida — concordou o homem por entre os dentes.
— É eterna, como é próprio das eslavas. Nasceram todas sob o Império Austro-Húngaro e Tito não consegue domá-las nem ver-se livre delas. A polícia da Jugoslávia desfaz-se facilmente dos opositores masculinos, cujos corpos aparecem a boiar no Adriático, mas nada pode contra as mulheres, titistas ou não. Verdadeiras medusas. Eternas, de facto. Experimente e verá.

A experiência de Aurélio foi, segundo diria depois, limitada mas suficiente. Eva não lhe desfez a fortuna, apêndice que ele não possuía, nem lhe partiu o coração, órgão que mantinha aferrolhado numa espécie de banco suíço dos sentimentos. Sob os efeitos do álcool e de vapores do Paraíso, passaram juntos uma semana de languidez física e desistência moral. Em momento de intimidade, Eva disse-lhe ser filha de um negociante de armas refugiado no Líbano depois de uma passagem pelas prisões de Tito. Em situação ainda mais reservada, acrescentou que o pai, um benemérito da história contemporânea, fornecia armas e munições aos grupos extremistas que, nesses anos eufóricos, mantinham a Europa em permanente estado de inquietação. Deste modo displicente, entre os lençóis de cetim do Grand Hotel, Aurélio veio a conhecer a vocação e a qualidade de terrorista da mulher com quem se deitava. Eva, eloquente e ufana, confessou-lhe que tinha participado em várias ações armadas contra pontes, edifícios e transportes públicos. Em Milão, em Verona, em Florença, com êxitos diversos e seis mortos no ativo. Deu-lhe esta pasmosa novidade ao som de uma gravação da orquestra da ópera de Milão sob a direção de Molinari-Pradelli. A bela eslava elogiava o maestro, que Aurélio desconhecia de todo, interrompendo o relato das proezas armadas para indicar os tempos, as medidas e as progressões harmónicas do desempenho. “Música da insurreição”, dizia, identificando em cada movimento os gestos do maestro, “com os *tempi* dos levantamentos do século XIX.” Apaixonada e

sensual, era pouco dotada intelectualmente, mas de convicções inabaláveis. Ele percebeu que a terrorista confessa desconhecia o objetivo das ações em que participava: esquerda, direita ou centro eram vocábulos que a deixavam indiferente. O atentado era, para ela, um passatempo e um negócio. Respondia perante um magnate da indústria ótica de Turim, conhecido, amigo ou parceiro do pai, que a recompensava de acordo com os sucessos das vendas de armas e das ações armadas. O magnate, sócio da empresa proprietária do Grand Hotel, garantia-lhe o aposento que ocupava nas águas-furtadas, modesto em comparação com as *suites* dos andares nobres, luxuoso se cotejado com os quartos dos outros hotéis de Rimini. Aurélio beneficiou das mordomias de Eva, atraente sem encantos e perspicaz sem discernimento. As versões acerca do exílio do pai e do relacionamento deste com o magnate mudavam continuamente. O papel e a identidade do magnate também. O mesmo acontecia com a vida, real ou fictícia, da própria Eva.

Aurélio ouvia e duvidava. As narrativas entre lençóis de cetim, com música oitocentista em fundo, tiveram o condão de o despertar para o mundo exterior. Sem se despedir, tomou o comboio para Milão. Quando a composição entrava num túnel dos Apeninos, uma corrente de ar abriu com estrondo a cortina da janela. Tomada pelo pânico, uma freira que seguia no mesmo compartimento gritou: “Attentato! Attentato!” De pé, de touca descomposta, insistia: “È un attentato!” O medo aos atentados apossara-se dos italianos depois do massacre da Piazza Fontana em 1969. Dezassete mortos. Dias antes, em 29 de maio desse ano de 74, o atentado na Piazza della Loggia, em Brescia, saldou-se pela honesta soma de oito mortos e uma centena de estropiados. Nas ruas de Itália, ocupadas por agitadores e *carabinieri*, sucumbiam manifestantes da extrema-esquerda e da extrema-direita, e caíam agentes da ordem. *Opposti estremismi*, diziam os jornalistas, atribuindo a autoria das proezas a origens tão indefinidas quanto as cometidas por Eva. Milão, onde Aurélio chegou numa manhã de domingo,

era um campo de batalha: calçadas levantadas, ruas desertas, patrulhas armadas de vigia nas esquinas. Grupos de marginais vagueavam pela Via Manzoni com ares de pouca cortesia. Bandos de pombos ocupavam a Piazza del Duomo, deserta de seres humanos. Num canto das arcadas formava-se um ajuntamento fascista; noutra, um protesto antifascista. A revolução portuguesa servia de tema e proveito a ambas. Os fascistas emitiam avisos à Europa, denunciando a conspiração comunista que pretendia liquidar a presença ocidental em África. Os antifascistas acusavam o general Spínola, presidente da junta militar de Lisboa, de ser o Badoglio, ou seja, o liquidatário, da libertação portuguesa. As lojas da Galleria Vittorio Emanuele abriam ou fechavam de acordo com a temperatura das manifestações. Só o Biffi, onde Aurélio almoçou, mantinha a serenidade dos centenários.

Obteve uma entrada para a sessão da tarde do Scala, uma *Tosca* sob a direção musical de Molinari-Pradelli, o ídolo de Eva, com Plácido Domingo, no auge da carreira, no papel do protagonista masculino, e Raina Kabaivanska no feminino. Partilhou um camarote com um casal jovem, ele italiano, ela suíça alemã. Os Galli, assim se apresentaram, trocando cartões com requinte protocolar. O de *Aurélio de Lemos / Lisboa*, sem menção profissional, exemplar modesto de tempos anteriores ao exílio; o do *dottor Manfred Galli / Avvocato / Milano*, em papel com relevo e brilho. A sala cintilava de luzes e elegâncias. Às escuras, as joias das damas e os relógios dos cavalheiros, luminescentes de ouro e diamantes, grifavam interrogações e suspeitas. Desde os primeiros acordes, a direção musical pareceu-lhe oscilar entre a artificialidade e a insignificância, mas quem era ele para destoar da unanimidade nacional dos elogios ao maestro? A representação foi agitada, interrompida por apupos sempre que Scarpia entrava em cena. O chefe da polícia da monarquia absoluta personificava nessa noite o *questore* da província, acusado pela *vox populi* de reprimir manifestações com métodos musculados e de pretender impor